



***TE PEGUEI, SEXTOU/SEGUNDOU: DESEJO E SEXUALIDADE NOS
PRIMEIROS EPISÓDIOS DE BOCA A BOCA***

***“;TE ATRAPÉ!” Y “VIERNES DE NOCHE - LUNES DE MAÑANA”:
DESEO Y SEXUALIDAD EN LOS PRIMEROS EPISODIOS DE BOCA A BOCA***

***I GOT YOU, FRIDAY/MONDAY: DESIRE AND SEXUALITY IN THE
FIRST EPISODES OF BOCA A BOCA***

*Letiane Oliveira da Fonseca*¹

*Paula Regina Costa Ribeiro*²

*Danilo Araujo de Oliveira*³

RESUMO

Neste artigo, ancoramo-nos nos estudos pós-estruturalistas para analisar como desejo e sexualidade são produzidos na série *Boca a Boca*, com ênfase nos episódios iniciais “Te Peguei!” e “Sextou/Segundou”. Utilizamos a etnografia de tela como estratégia metodológica para a produção dos dados e inspiramo-nos no conceito de problematização em Foucault para analisar o funcionamento do currículo cultural não escolar produzido nas cenas. Tal currículo, com suas pedagogias, ensina modos de ser, viver e relacionar-se, especialmente, referentes às experiências afetivo-sexuais vivenciadas pelos personagens nas cenas. Argumentamos que as cenas analisadas operam como práticas pedagógicas que, ao circular na cibercultura, participam da constituição de subjetividades por meio de imagens e narrativas. Ao evidenciar os modos como essas pedagogias atravessam as juventudes contemporâneas, buscamos refletir sobre os efeitos e os significados na produção de saberes e normatizações sobre desejo e sexualidade na série. **PALAVRAS-CHAVE:** Currículo cultural não escolar. Séries. Desejo. Sexualidade.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-Gese, Rio Grande, RS, Brasil.

² Doutora em Ciências Biológicas (UFRGS). Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-Gese. Bolsista Produtividade CNPq 1 C, Rio Grande, RS, Brasil.

³ Doutor em Educação (UFMG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Líder do grupo de pesquisa Questões e Políticas de Currículo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude, Maranhão, MA, Brasil.

RESUMEN

En este artículo, nos apoyamos en los estudios postestructuralistas para analizar cómo se producen el deseo y la sexualidad en la serie "Boca a Boca", con énfasis en los episodios iniciales "¡Te atrapé!" y "Viernes de noche - Lunes de mañana". Utilizamos la etnografía de pantalla como estrategia metodológica para la producción de los datos y nos inspiramos en el concepto de problematización en Foucault para analizar el funcionamiento del currículo cultural no escolar que se produce en las escenas. Dicho currículo, con sus pedagogías, enseña modos de ser, vivir y relacionarse, especialmente en lo que respecta a las experiencias afectivo-sexuales vividas por los personajes. Argumentamos que las escenas analizadas operan como prácticas pedagógicas que, al circular en la cibercultura, participan en la constitución de subjetividades partiendo de imágenes y narrativas. Al evidenciar las formas en que estas pedagogías atraviesan a las juventudes contemporáneas, buscamos reflexionar sobre los efectos y significados en la producción de saberes y normatividades sobre deseo y sexualidad en la serie.

PALABRAS-CLAVE: Currículo cultural no escolar. Series. Deseo. Sexualidad.

ABSTRACT

In this article, we draw on poststructuralist studies to analyze how desire and sexuality are produced in the series *Boca a Boca*, with an emphasis on the initial episodes "Te Peguei!" and "Sextou/Segundou". We use screen ethnography as a methodological strategy for data production and are inspired by Foucault's concept of problematization to analyze the functioning of the non-school cultural curriculum produced in the scenes. Such curriculum, with its pedagogies, teaches ways of being, living, and relating, especially regarding the affective-sexual experiences lived by the characters in the scenes. We argue that the scenes analyzed operate as pedagogical practices that, when circulating in cyberculture, participate in the constitution of subjectivities through images and narratives. By highlighting the ways in which these pedagogies permeate contemporary youth, we seek to reflect on the effects and meanings in the production of knowledge and standardizations about desire and sexuality in the series.

KEYWORDS: Non-school cultural curriculum. Series. Desire. Sexuality.

Introdução

Em meio às transformações que caracterizam a contemporaneidade, provenientes do avanço das tecnologias digitais, torna-se indispensável considerar a atuação da mídia como produtora de modos de ser, agir e compreender o mundo. Não ficando restrita à função informativa, ela opera como artefato cultural que atravessa práticas cotidianas e participa da constituição de subjetividades, sobretudo, em um contexto de globalização mediada por redes digitais. Como destaca Stuart Hall (1997), a mídia não apenas apresenta a realidade, mas contribui para a sua construção, ao selecionar e reforçar determinados modos de existência, enquanto silencia ou marginaliza outros.

Nesse cenário, o ciberespaço e a cibercultura emergem como dimensões da vida social atual. O ciberespaço pode ser compreendido como um ambiente interativo de circulação de informações em rede, conformando o que denominamos universo digital. A cibercultura, por sua vez, é um conjunto de práticas, linguagens e formas de sociabilidade sustentadas pelo uso desse espaço, conforme aponta Pierre Lévy (1999).

A presença das tecnologias digitais no cotidiano transforma as formas de interação, os modos de produção de saberes e os processos de construção do conhecimento, que incidem sobre os modos de subjetivação, isso porque “a sociedade contemporânea é transformada pelas tecnologias digitais e pela relação dos sujeitos com essas tecnologias” (Danilo Oliveira, Luiza Silva-Silva, Shirlei Sales, 2024, p. 31). As plataformas de *streaming*, como a *Netflix* Brasil, exemplificam esse movimento ao ultrapassarem o entretenimento e posicionarem-se como produtoras de sentidos sobre juventude, desejo e sexualidade. Ao oferecer conteúdos em escala global, a plataforma participa da constituição de subjetividades, articulando narrativas que atravessam os modos de vida na contemporaneidade.

Assim, as séries disponibilizadas na *Netflix* podem ser entendidas como artefatos culturais que colaboram para a produção de discursos e de subjetividades. Ao lado de outros produtos midiáticos, como filmes, propagandas e conteúdos digitais, elas funcionam como pedagogias culturais, na medida em que ensinam formas de ser, viver e relacionar-se. Essa perspectiva é sustentada por Marisa Costa, Rosa Silveira e Luis Sommer (2003), ao reconhecerem o exercício de uma função educativa em artefatos culturais.

Mais do que apresentar experiências juvenis, as séries produzem-nas discursivamente, reiterando sentidos sobre sexualidade e desejo. Conforme argumenta Judith Butler (2003), o sujeito é constituído na e pela repetição das normas que o definem. Neste sentido, inspiramo-nos, em nossa análise, no conceito de problematização em Michel Foucault (2004), para, assim, problematizar o funcionamento de um currículo cultural não escolar, que, por meio de suas pedagogias, ensina modos de ser, viver e relacionar-se, especialmente no que diz respeito às questões de desejo e sexualidade presentes nos dois primeiros episódios da série *Boca a Boca*.

As cenas iniciais da série oferecem pistas importantes sobre como as temáticas do desejo e da sexualidade são construídas e performadas, convidando-nos a questionar os efeitos de verdade que esses conceitos engendram.

Compreendemos, portanto, a série *Boca a Boca*, disponível na plataforma *Netflix* Brasil, como um artefato cultural que expressa e produz pedagogias do presente. Como afirma Viviane Camozzato (2014, p. 575), “a pedagogia procura responder às exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondam, levando adiante o mundo em que vivem, adaptando-se a ele”. Neste sentido, a análise da série nos conduz à problematização de um currículo cultural não escolar, operante na cibercultura e que participa da constituição dos sujeitos-jovens contemporâneos.

Estamos, portanto, argumentando que, ao operar com um certo regime de visibilidade sobre o que é ser jovem, construindo, escolhendo e priorizando determinados tipos de personagens, a série entra na arena de disputa com outros artefatos midiáticos que também dizem sobre a juventude contemporânea. Muitos/as jovens podem inspirar-se, verem-se representados/as e conduzir as suas condutas a partir do que é aí significado e valorado sobre o que é juventude.

Por fim, ao debruçarmo-nos sobre esse currículo, aproximamo-nos dos estudos curriculares que pensam para além dos muros da escola. Como enfatizam Marlucy Paraíso (2010), Marlécio Maknamara (2011) e Danilo Oliveira (2021), o currículo também se manifesta em filmes, redes sociais, novelas e séries que compõem o cotidiano. Esses artefatos culturais interpelam-nos, constituem-nos e produzem-nos, operando espaços de aprendizagem onde discursos sobre desejo e sexualidade são performados e reiterados.

Caminhos metodológicos

Vivemos em um tempo de transformações sociais, culturais e tecnológicas. Nesse contexto, as práticas de pesquisa também se reinventam, ao tempo em que estão sendo operacionalizadas. Este trabalho insere-se no campo dos estudos pós-estruturalistas, adotando uma perspectiva qualitativa, na qual a produção do conhecimento não está ancorada em métodos fixos, mas em práticas que nos atravessam e mobilizam enquanto pesquisadores/as.

A compreensão metodológica aqui adotada alinha-se às reflexões de Sandra Corazza, ao afirmar que:

Nos estudos das teorizações pós-estruturalistas, não encontro nenhum critério que autorize alguém a selecionar esta ou aquela metodologia de pesquisa. Justo porque não é por tal ou qual método que se opta, e sim por uma prática de pesquisa que nos “toma” no sentido de ser para nós significativa. E como nos toma? Ora (e é aí que estamos a pleno no labirinto “pós”), cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assimilada pela formação histórica em que foi constituída. Formação histórica esta que marca o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos; também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s) (Sandra Corazza, 2007, p. 120-121).

Inspiradas/os por essa concepção, entendemos a metodologia como um campo de invenção e deslocamento, em que o fazer-pesquisa articula-se às escolhas teóricas que orientam o olhar sobre o objeto investigado. Como apontam Shirlei Sales, Danilo Oliveira e Luiza Cristina Silva-Silva (2024), contextos de pesquisas no ciberespaço demandam estratégias metodológicas capazes de abarcar a complexidade dos fenômenos sociais, conhecendo, mapeando e realizando descrições minuciosas, articulando imagens, vídeos e sons. Investem, assim, em problematizações e no funcionamento do objeto investigado.

Dessa forma, adotamos, como estratégia de produção dos dados, a etnografia de tela, proposta por Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012), que se constitui como uma prática investigativa voltada à análise de imagens em movimento. Essa abordagem permite considerar não apenas os conteúdos audiovisuais, mas também as posições de sujeito que os/as pesquisadores/as ocupam no processo interpretativo. A etnografia de tela envolve a observação reiterada das cenas, com múltiplas visualizações, capturas de tela e registros sistemáticos em diário de campo, possibilitando leituras minuciosas das expressões, gestos, imagens e sons presentes nas obras audiovisuais.

Para fins analíticos, foi delimitado um recorte empírico a partir da série *Boca a Boca* (Netflix, 2020), com foco em dois episódios: *Te Peguei!* e *Sextou/Segundou*. A escolha por esses episódios resulta da densidade das cenas que tratam de temáticas ligadas ao desejo e à sexualidade, oferecendo material significativo para os objetivos da pesquisa. Embora tais discussões perpassasse toda a primeira (e única) temporada da série, optamos por esse recorte para garantir profundidade analítica.

O episódio *Te Peguei!* foi assistido seis vezes: uma vez de forma contínua, para imersão no enredo, e cinco vezes com pausas para identificação de cenas relevantes, captura de imagens e registro de observações no diário de campo. Já o episódio *Sextou/Segundou* demandou um processo ainda mais detalhado, com duas exibições integrais e seis com pausas, além de sucessivos retornos a cenas específicas para a

delimitação do *corpus* final. Esse processo exigiu um olhar atento a elementos verbais e não verbais: falas dos personagens, gestos, expressões faciais, cortes de cabelo, sonoridades e enquadramentos de câmera. Como destacam Balestrin e Soares (2012, p. 89-90), “o que vemos na tela é tão real quanto o que está fora dela”, o que reforça a importância de uma análise sensível às múltiplas camadas de significação que se constituem nas imagens audiovisuais.

A análise das cenas foi orientada por inspiração na ferramenta da problematização. Conforme defendido por Foucault (2004), a problematização permite-nos deslocar o olhar do óbvio para interrogar os significados que se naturalizam. Não se trata apenas de levantar questões, mas operar com um movimento do pensamento de dar um passo atrás, estar à espreita, desconfiar sobre como as coisas estão aí como dadas, já constituídas de uma vez por todas, para exatamente pensar os seus modos de fabricação, desmontar peça por peça um discurso, uma verdade, uma subjetividade. Problematizar, nesse contexto, é abrir um campo de análise no qual certas verdades podem ser desestabilizadas e repensadas.

Ao adotarmos esse movimento analítico, não buscamos oferecer respostas fechadas, mas provocar reflexões sobre os efeitos pedagógicos das narrativas veiculadas pela série. Interessa-nos compreender como *Boca a Boca* atua na produção de juventudes, particularmente na maneira como articula desejo e sexualidade a partir das imagens e performances que circulam nas cenas.

Neste sentido, o desejo e a sexualidade são mobilizados a partir da perspectiva foucaultiana, compreendendo-os como efeitos de práticas discursivas historicamente situadas. A problematização permite evidenciar os mecanismos de regulação e controle que operam na constituição dos sujeitos, abrindo espaço para que outras formas de existência e de pensar a sexualidade, o desejo e as relações possam emergir.

Assim, descrevemos nosso percurso metodológico guiado por um olhar que busca não capturar verdades, mas abrir fissuras nos sentidos hegemônicos e normativos, permitindo que a pesquisa possibilite um exercício de reflexão sobre currículo não escolar e a pedagogia de desejo e sexualidade presente nas cenas de *Boca a Boca*.

Nas seções seguintes, apresentamos a série e, posteriormente, o nosso aporte teórico, seguido das análises que foram organizadas conforme a ordem dos episódios, iniciando por *Te Peguei*, que apresenta o início da epidemia, quando alguns/mas personagens começam a ser contaminados/as, ao mesmo tempo em que se evidenciam as interações entre os/as jovens na escola e em uma festa. E, no segundo episódio,

Sextou/Segundou, em que observamos o agravamento do quadro da epidemia, que conduz, Fran, Chico e Alex, a investigar a origem da epidemia. E, por fim, estabelecemos relações entre os episódios e nossas considerações finais.

Conhecendo a série

Boca a Boca é uma série brasileira criada por Esmir Filho e lançada na plataforma *Netflix* Brasil em 2020. A narrativa é ambientada em uma cidade fictícia do interior do país, chamada “Progresso”. O nome do município remete à ideia de desenvolvimento, embora a cidade apresente-se como tradicional, marcada por normas rígidas e por uma lógica conservadora. Esse contraste entre a promessa de progresso e a rigidez dos valores locais intensifica o enredo da trama, sobretudo, à medida que os personagens principais exploram as suas vivências, desejos e sexualidades.

A trama gira em torno da tentativa de desvendar a origem de uma misteriosa contaminação que afeta estudantes da escola modelo da cidade. Após participarem de uma festa, alguns jovens desenvolvem uma mancha escura na boca e passam a apresentar alucinações, sendo internados e, em alguns casos, vindo a óbito. A hipótese inicial sugere que a epidemia estaria sendo transmitida por meio de beijos trocados durante o evento. Contudo, ao longo dos episódios, descobre-se que a verdadeira causa da contaminação está relacionada a uma modificação genética em bois pertencentes a um fazendeiro da região.

Nesse percurso investigativo, destacamos cenas que envolvem os personagens, Fran, Alex e Chico, com ênfase para os dois personagens citados por último, cujas experiências fornecem subsídios para reflexões sobre desejo, sexualidade e os tensionamentos com as normas sociais e a cibercultura. As interações entre esses personagens evidenciam deslocamentos em relação aos padrões sexuais hegemônicos, abrindo espaço para realizarmos problematizações. Na figura 1 apresentamos a/os personagens citados.

FIGURA 1: Episódio Te Peguei - personagens Fran, Alex e Chico.



Fonte: Netflix Brasil, 4 min 24s, 2025.

Fran é filha de uma funcionária da fazenda que pertence à família de Alex. Mora na propriedade rural e, ao longo da trama, enfrenta o impacto da demissão da mãe, enquanto lida com sentimentos por sua amiga Bel e com a dor da perda precoce da irmã.

Alex, filho do fazendeiro da cidade, é um jovem introspectivo, que demonstra conflitos com o pai, cuja postura autoritária marca a relação entre ambos. No decorrer dos episódios, Alex vai reconhecendo a sua sexualidade, revelando formas de sentir prazer, sobretudo por meio de experiências virtuais.

Chico, recém-chegado de outra cidade, é extrovertido e desenvolve uma paixão por Maurílio, um funcionário da fazenda. Enfrenta, com isso, as normas sociais impostas por seu pai e pela comunidade local. O trio de jovens, além de buscar respostas para a origem da epidemia, vivencia descobertas relacionadas aos seus desejos e sexualidade. O enredo da série, portanto, tece questões afetivo-sexual com o uso de tecnologias, evidenciado, sobretudo, pela presença constante dos celulares como principal meio de comunicação entre os jovens.

Tramas teóricas

Este trabalho problematiza juventude, desejo e sexualidade a partir de cenas selecionadas dos dois primeiros episódios da série *Boca a Boca*. Em diálogo com o conceito de currículo cultural não escolar. Situada no contexto da cibercultura, a série pontua como as experiências juvenis são atravessadas pelas tecnologias digitais, que operam na constituição de subjetividades contemporâneas. Compreendemos, assim, que *Boca a Boca* participa da produção de um currículo que veicula pedagogias do desejo e da sexualidade, ao abordar temáticas atuais vinculadas às juventudes, mediadas por práticas comunicacionais e afetivas sustentadas por dispositivos tecnológicos.

Neste sentido, Shirlei Sales e Juliana Reis (2021) afirmam que a imersão nas práticas ciberculturais constitui uma característica marcante das juventudes contemporâneas. Essa dimensão é evidenciada na série, na medida em que os/as personagens jovens mantêm uma relação constante com os meios digitais e os ambientes virtuais, os quais se tornam extensões de suas vivências e expressões culturais. Tal imersão não se limita à familiaridade com o uso de tecnologias, mas implica outras formas de comunicação, sociabilidade e constituição de vínculos em um cenário marcado pela hiperconectividade.

Anderson Ribeiro (2016) ao investigar as revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno, entre os anos 1964-1985, discute como, a partir da década de 1960, várias publicações de periódicos começaram ser produzidas no Brasil, tornando-se responsável pela produção e circulação de discursos generificados. Essas revistas “trouxeram novas formas e novas práticas de si, mediante as quais, mulheres e homens as utilizam como modelos para constituírem-se como sujeitos, internalizariam seus discursos influenciados pelos dispositivos de controle” (Anderson Ribeiro, 2016, p. 144). Para o autor, “isso se alia à juventude, que permeia cada página (Ribeiro, 2016, p. 146).

Ao analisar a década de 1990, Rosa Fischer (2005, p. 44) defende que “há investimentos intensos em endereçar uma gama variada de produtos ao público jovem (pré-adolescente, adolescente e propriamente jovem)”. Aqui é a “TV aberta [...] a grande fonte de lazer e informação para a maioria da população” (Fischer, 2005, p. 45). Programas variados, como Programa do Ratinho, Domingo Legal, Malhação, telenovelas, minisséries, passam a disponibilizar sentidos sobre o que é ser jovem. Essa década é marcada por um crescimento exponencial de mercado com modos de endereçamento para o público jovem (Fischer, 1996). Um destaque pode ser dado a MTV, pois “no que se refere à sexualidade juvenil é abrangente, já que inclui campanhas como a da prevenção da AIDS, além de abordar diversos outros aspectos da sexualidade” (Rosângela Soares, Dagmar Meyer, 2003).

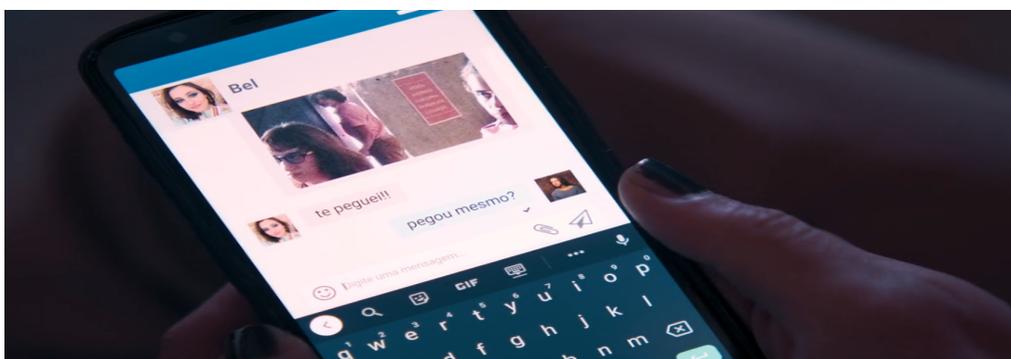
Os artefatos midiáticos que veiculam e produzem discursos sobre juventude são constituídos historicamente e situam-se em determinados contextos espaço-temporais, de acordo com as relações de poder que legitimam e conferem visibilidade a certos modos de ser jovem em detrimento de outros. A constituição desses artefatos está diretamente relacionada aos suportes técnicos nos quais circulam – como revistas impressas, telas diversas e os ambientes da cibercultura – os quais operam, por sua vez, na conformação

das formas pelas quais as juventudes são continuamente produzidas e reconhecidas ao longo da história.

No cenário contemporâneo, a cibercultura intensifica as disputas de sentidos e significados em torno das definições e performances do que é ser jovem, trazendo para a arena discursiva uma multiplicidade de artefatos que emergem desse novo ecossistema digital. Se, entre as décadas de 1960 e 1980, predominava uma juventude representada nos periódicos impressos e, na década de 1990, evidenciava-se uma juventude em tela, hoje observa-se a centralidade de uma juventude atravessada pela lógica da cibercultura – em especial, aquela que se conforma no e pelo *streaming*, produzida de forma entrelaçada com essa tecnologia de transmissão multimídia. Diante desse panorama, torna-se imprescindível que pesquisadores e pesquisadoras do campo da educação e dos estudos sobre juventude atentem-se às dinâmicas e implicações da cibercultura na constituição das subjetividades juvenis.

A série aqui investigada também está atenta a esse modo de se constituir jovem, amalgamado com a cibercultura. Observamos, portanto, que os/as jovens na narrativa não apenas são produzidos nessa cultura, mas também atuam como produtores que mobilizam sentidos sobre o “ser”, o “estar” e o “interagir” nesse espaço. Isso porque os modos de funcionamento da cibercultura convoca os jovens para dizerem sobre si nesse local. Se, antes, os sentidos e significados eram divulgados apenas pelas revistas e TV, predominantemente, aqui os/as jovens mobilizam a si mesmos nessa cadeia discursiva. Essa relação será ilustrada nas imagens apresentadas a seguir (figuras 2 e 3).

FIGURA 2: Episódio Te Peguei - Bel tira foto de Chico entrando atrasado na aula.



Fonte: Netflix Brasil, 6 min 18s, 2025.

FIGURA 3: Episódio Sextou/Segundou – Chico, Alex e Fran visualizam no celular a imagem de Bel contaminada que está sendo espalhada na rede.



Fonte: Netflix Brasil, 1 min 47s, 2025.

Nas figuras 2 e 3, observamos recortes de cenas que evidenciam a interação dos/as estudantes com dispositivos móveis, sobretudo, por meio do uso de celulares. Destacamos, nesse contexto, o título do primeiro episódio, “Te Peguei”, que aparece na conversa virtual entre os personagens. Inicialmente, essa expressão refere-se ao momento em que Bel flagra Chico entrando atrasado e escondido na sala de aula. Entretanto, ao longo da trama, a mesma expressão ganha novos sentidos, vinculando-se às interações afetivas e sexuais entre os/as jovens.

As tecnologias digitais aparecem de maneira recorrente como elementos constitutivos da vivência juvenil na série, manifestando-se por meio do compartilhamento de imagens, da gravação de vídeos e do uso de aplicativos de relacionamento. Como argumentam Shirlei Sales e Juliana Reis (2021), a internet constitui um espaço privilegiado de reconhecimento e produção de territórios culturais juvenis, uma vez que experiências são, frequentemente, compartilhadas nas redes sociais digitais por meio de recursos audiovisuais.

A série *Boca a Boca* dialoga com essas experiências ao ser direcionada a um público juvenil, assim sendo, essa série reitera a concepção de uma juventude sempre conectada, em que temos, portanto, uma juventude *on* em *streaming*. Nesta análise, adotamos o entendimento de juventude como uma construção social e cultural, que não se limita aos marcos etários, conforme salientam autores como Juarez Dayrell (2016), Jeane Felix e Juliana Vargas (2019). Para esses/as autores/as, juventude não se restringe a uma fase biológica, mas representa um modo de estar no mundo, construído por meio de práticas cotidianas, relações sociais e contextos históricos específicos. A partir dessa perspectiva, reconhecemos a pluralidade das juventudes que vão sendo diferentemente produzidas no tempo. Ao investigar as “juventudes de distintos tempos históricos”,

temos uma juventude “que se funde e se faz presente no momento da enunciação” (Luiza Troccoli, 2016, p. 7).

Nesse cenário, propomos o conceito de juventudes *streaming*, entendido como juventudes produzidas e performadas em ambientes digitais mediados por plataformas de *streaming*. Trata-se de produções de sujeitos-jovens elaboradas e difundidas no ciberespaço, que encenam modos diversos de vivenciar essa etapa da vida. Essas narrativas não apenas retratam a juventude, mas também a constituem, ao propor modelos de identificação e normatizações de comportamento que circulam amplamente nas mídias digitais. Danilo Oliveira (2021) contribui com essa discussão ao afirmar que, na cibercultura, não apenas se produzem verdades, mas também circulam discursos oriundos de diferentes campos do saber que, ao se entrelaçarem, oferecem posições de sujeito, convocando homens e mulheres a determinadas formas de experimentar a sexualidade e os afetos.

Neste sentido, a cibercultura opera como um campo de produção de subjetividades. No contexto da série, evidencia-se a fabricação de modos de ser jovem a partir de performances afetivo-sexuais mediados por tecnologias digitais. Ao longo desta investigação, buscamos compreender como essas juventudes *streaming* são constituídas por meio da problematização de cenas que envolvem o desejo e a sexualidade.

A série convoca o seu público juvenil a características com experiências e expectativas contemporâneas dessa geração. Comentários em plataformas como o YouTube, onde o trailer foi amplamente debatido, mostram a conexão afetiva do público com a narrativa. Um dos comentários afirma: "Uma série *teen* brasileira com protagonistas LGBT? Aaaaaaah, te amo, Netflix!! Só pelo trailer já amei a personagem da Denise Fraga, ela parece que vai ser a mãe sensata no meio do caos". Tal manifestação ilustra a importância da representatividade na mídia e a valorização de personagens LGBTQIA+ no enredo. Outro comentário destaca o entusiasmo do público: "Netflix, essa é a sua melhor série brasileira. Eu quero a segunda temporada para ontem!", evidenciando o engajamento e o desejo por continuidade da trama.

A juventude *streaming* é uma juventude *on*, conectada, porque ela produz conteúdo, comenta e compartilha coisas da série na cibercultura. Esse tempo que estamos vivendo convoca a juventude para ser dessa forma, a própria série, ao atuar com regime de visibilidade de uma juventude *on*, ensina esses jovens a manterem-se *on* também e participarem da produção de si.

A série não apenas retrata aspectos da vida juvenil na era digital, mas também atua como um dispositivo pedagógico que integra o currículo cultural não escolar, constantemente negociado e reconfigurado na cibercultura. Como destaca Marlucy Paraíso (2010), esse tipo de currículo não é neutro, mas um espaço de disputa, no qual diferentes saberes e perspectivas competem por legitimidade, refletindo produções de poder e tensionamentos culturais. Assim, o currículo cultural não apenas reflete a diversidade, mas também participa da produção de sentidos e ensinamentos que circulam nas práticas sociais.

A partir dessa abordagem, o nosso foco recai sobre a problematização das noções de sexualidade e desejo, não como categorias naturais ou universais, mas como construções discursivas e históricas. Inspirados pelo pensamento de Michel Foucault (1988), compreendemos que essas categorias são produzidas por meio de práticas sociais e relações de poder que operam, desde o século XIX, em instituições como a medicina, a religião, a escola e o direito. Esses dispositivos não apenas regulam condutas, mas também produzem verdades sobre o que é o desejo e sobre como ele deve ser vivenciado, nomeado e reconhecido.

Assumindo a problematização como inspiração para as nossas análises, buscamos tornar visíveis os mecanismos que normatizam a sexualidade e o desejo na contemporaneidade e, especificamente, na narrativa de *Boca a Boca*. Dialogando com os estudos de Dagmar Meyer, Carin Klein, Sandra Andrade (2007) e Anderson Ferrari (2007), entendemos o desejo e a sexualidade como experiências múltiplas e culturalmente situadas, que se expressam em diferentes formas de relacionamento, incluindo vínculos com parceiros/as do sexo oposto, com parceiros/as do mesmo sexo, com parceiros/as de ambos os sexos, sem parceiros/as, com parceiros/as virtuais, dentre outras possibilidades.

Desse modo, a série apresenta-se como um espaço para pensarmos como as juventudes são atravessadas pelo desejo e sexualidade e, como estas, as práticas encenadas são performadas e ressignificadas no contexto da cibercultura. Trata-se, portanto, de um campo para análise e reflexão teórica sobre as formas de ser jovem na contemporaneidade.

Te peguei!

O episódio 1, *Te peguei!*, apresenta cenas em que os/as alunos/as da escola fictícia de Progresso comparecem a uma festa. Após o evento, a personagem Bel aparece infectada por uma misteriosa doença, o que provoca inquietação e instabilidade na comunidade escolar. Tal situação tensiona as relações entre direção, comunidade e estudantes e instaura uma busca por respostas diante do desconhecido. Ao trazer essa temática, a série parece pautar uma discussão importante para as juventudes já que “os jovens são considerados uma parcela da população com alta exposição às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)” (Brasil *et al.*, 2023, p. 213). Neste sentido, é importante dizer que as produções midiáticas pautam as suas discussões localizadas e históricas também, com os discursos que circulam em outros espaços e dizem das juventudes.

Nesse contexto, a diretora Guiomar convoca alguns/as estudantes a sua sala com o objetivo de identificar quem esteve em contato com Bel. Essa prática de averiguação mostra-nos modos de controle e vigilância sobre os/as estudantes. Em uma das cenas destacadas, a diretora chama Chico para conversar. Durante o diálogo, enquanto ele encontra-se sentado sobre uma bola de pilates, ela questiona sobre a sua presença na festa e a sua interação com Bel, solicitando e analisando o conteúdo de seu celular. Ao ler as mensagens, Guiomar comenta que Chico busca por experiências de prazer, mas logo reforça as normas da escola e da comunidade, instaurando um limite entre o que é permitido e o que deve ser regulado (figura 4).

FIGURA 4: Episódio *Te peguei* - Diretora Guiomar solicita celular de chico.



Fonte: Netflix Brasil, 5 min 34s, 2025.

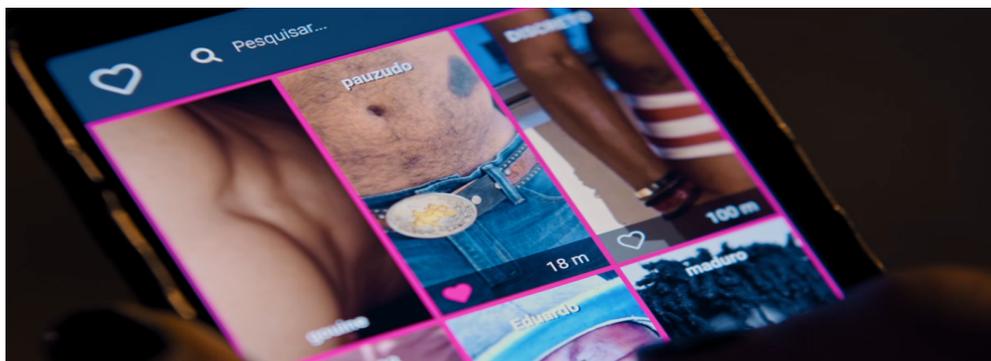
Essa cena convida-nos a uma problematização foucaultiana em torno das práticas de regulação da juventude *streaming*. Foucault (2004) mostra-nos que o poder não atua apenas de forma repressiva, mas se manifesta por meio de dispositivos que produzem

sujeitos, saberes e verdades. A ação da diretora, requisitando o celular de Chico e analisando suas mensagens, demonstra como o controle atual materializa-se nas tecnologias do cotidiano, como o celular, que funciona como arquivo e registro das práticas juvenis. Aqui, o que está em jogo é o governo das condutas juvenis, não apenas pelo que se faz, mas pelo que se deseja, pelo que se conversa via tecnologias, experimenta, e como a sexualidade é uma experiência conectada às tecnologias.

Ao tratarmos da juventude *streaming*, podemos compreender essa categoria como atravessada por dispositivos midiáticos que produzem modos de subjetivação. Como nos aponta Dayrell (2016), os discursos midiáticos constroem imagens sobre os/as jovens, muitas vezes, associando-os à desobediência, à necessidade de controle e à idealização de um futuro adulto normativo. A interpelação feita por Guiomar a Chico, assim como a outros estudantes, apresenta esse movimento de regulação da juventude e de suas experimentações.

Ao longo do episódio, a narrativa desenrola-se em torno do mistério da infecção, mas também ressalta elementos afetivos e desejos entre os/as personagens. Destacamos a cena da relação amorosa entre Chico e Maurílio (figura 5), a qual foi iniciando e se fortalecendo por um aplicativo de relacionamento.

FIGURA 5: Episódio Te peguei - Chico encontra Maurílio no site de relacionamento.



Fonte: Netflix Brasil, 25 min 51s, 2025.

Na figura 5, observamos o instante em que Chico depara-se com uma fotografia que destaca uma parte do corpo de Maurílio, uma imagem anônima e, ao mesmo tempo, carregada de significados. Ao curtir a imagem, Chico inaugura uma sequência de interações que se inicia em um ambiente digital e passa a ser mediada por trocas que envolvem desejo e curiosidade. À luz da problematização proposta por Michel Foucault (2004), especialmente, quando se refere a “Como nos tornamos o que somos?”, esse

momento pode ser lido como um ponto de constituição do sujeito contemporâneo, atravessado por práticas de si e por tecnologias de poder. Foucault convida-nos a pensar que os sujeitos são produzidos em meio a relações de poder, discursos e práticas que os interpelam. Nesse caso, os aplicativos e sites de relacionamento funcionam como dispositivos que não apenas mediam o encontro entre corpos, mas instauram regimes de visibilidade, de produção e modos de governo dos afetos e dos desejos.

A curtida na foto, aparentemente um gesto, é, na verdade, atravessada por normatividade e subjetivação. Ela aciona um dispositivo que convoca o sujeito a dizer-se, a mostrar-se, a entrar em um circuito de produção de verdades sobre si. Trata-se de um jogo de verdade que, como Foucault pontua, está enraizado em práticas confessionais e em dinâmicas de saber-poder, que, historicamente, conformam a sexualidade como um campo privilegiado de enunciação do sujeito moderno. Assim, Chico, ao interagir com a imagem de Maurílio, não está apenas se conectando com outro corpo, mas está performando uma posição de sujeito sexual-afetivo, por um código “curtir” que define o que pode ser visto, dito e desejado. Assim, ele posiciona o seu interesse afetivo, o seu desejo, a sua sexualidade.

Além disso, essa cena explicita como os dispositivos digitais conduzem as experiências do íntimo e do sexual, deslocando as práticas de si para territórios em que o olhar, o toque e o desejo são mediados por interfaces. O corpo, reduzido a fragmentos visuais, é capturado em uma lógica de consumo e escolha, em que o reconhecimento do outro passa por filtros estéticos, algoritmos e performances visuais. Como argumentaria Foucault (2008), estamos diante de novas formas de governo dos corpos, em que a liberdade aparente do sujeito esconde a aderência a normas sutis, a imperativos de exposição. Portanto, a cena da visualização da imagem no celular entre Chico e Maurílio não é apenas sobre um encontro entre dois sujeitos, mas sobre como nos tornamos sujeitos, sobre como somos convocados a nos constituir e a reconhecer dentro de regimes contemporâneos de verdade sobre o desejo, o corpo e a sexualidade.

Essa cena permite-nos problematizar, a partir de Foucault (1988), sobre como o desejo é atravessado por normas e práticas discursivas que organizam o visível e o dizível. Em sociedades cisheteronormativas, nem todos os afetos são legitimados da mesma forma. Há uma vigilância em que certos desejos são autorizados, outros, silenciados.

Ao problematizarmos essa cena com base em Foucault (1988), compreendemos que o que está em jogo é menos a “doença” que contamina os corpos dos estudantes e mais o controle que se tenta exercer sobre os desejos, as experimentações e os modos de

vida que escapam às normas. A juventude *streaming*, nesse cenário, não é apenas vigiada, ela é produzida e regulada constantemente.

Diante das cenas apresentadas, compreendemos que *Boca a Boca* vai além de uma série em um enredo de epidemia, pois funciona como um currículo cultural não escolar, que, com suas pedagogias, tensiona normas hegemônicas sobre sexualidade e inscreve o desejo como parte constitutiva das juventudes. Ao dar visibilidade a afetos e vínculos não heteronormativos, como o de Chico e Maurílio, a produção rompe com representações normativas, oferecendo ao espectador uma abertura para pensar o desejo como forma de expressão e existência. Neste sentido, a série contribui para ressignificar os modos como a juventude tem sido controlada, vigiada e interpelada em suas experimentações afetivo-sexuais.

Ao contrário de reforçar discursos de correção ou silenciamento, *Boca a Boca* possibilita que a juventude *streaming* fale, deseje, sofra, apaixone-se e se expresse com liberdade, mesmo em meio às tensões e resistências sociais. Assim, evidencia-se a pedagogia do desejo e sexualidade das narrativas audiovisuais contemporâneas em produzir deslocamentos e fissuras, permitindo imaginar outras formas de viver, amar e existir.

Sextou/Segundou

Na tentativa de compreender como ocorre o contágio que se espalha nos jovens de Progresso, Fran, Chico e Alex reúnem-se e relembram os acontecimentos da festa, onde muitos beijos foram trocados. Movidos pela preocupação com quem poderá ser o próximo a adoecer, os personagens recorrem a um aplicativo denominado “mapa do beijo”, com o intuito de rastrear os contatos afetivos estabelecidos naquela ocasião.

FIGURA 6: Episódio Sextou/Segundou - mapa do beijo.



Fonte: Netflix Brasil, 6 min 20s, 2025.

A partir da problematização proposta por Foucault (2004), essa cena pode ser compreendida como os modos de práticas de vigilância atravessam as experiências juvenis, especialmente no que diz respeito ao desejo e sexualidade. O ato de mapear os beijos não se resume à tentativa de localizar uma origem do contágio, mas aciona um dispositivo que classifica, ordena e regula os corpos, transformando afetos e desejos em dados rastreáveis e passíveis de gestão. Nessa perspectiva, o “mapa do beijo” funciona como uma tecnologia de poder que incide sobre a intimidade dos sujeitos, operando na lógica de um saber que se articula com dispositivos digitais contemporâneos. Ao passo que ao identificar quem beijou quem, ocorre uma exposição das experimentações vivenciadas pelos jovens.

Essa cena permite refletir sobre os modos como o poder circula nas relações cotidianas da juventude presente na série, sempre mediada pela cibercultura. O “mapa do beijo” produz uma cartografia da intimidade que expõe as interações vivenciadas pelos/as personagens, transforma o desejo em risco. Ao mesmo tempo, a própria ideia de verdade para descobrir quem beijou quem? quem transmitiu para quem? mostra o quanto os sujeitos são convocados a explicarem-se, a situarem-se em um enredo que exige prestação de contas sobre as suas escolhas. Possibilita, dessa maneira, que essa ferramenta tecnológica ao mesmo tempo que foi utilizada de forma “inocente”, controle e exponha a sexualidade dos jovens.

Mas por que problematizamos isso? Conforme Alex, Fran e Chico vão descobrindo, por meio do mapa do beijo, quem beijou quem, eles percebem também que, além do simples beijo, há posições de juventudes., visto que determinados personagens procuraram beijar os/as colegas com os quais se identificavam em suas posições de sexualidade. Trata-se, portanto, de uma cena que produz subjetivação, abrindo espaço para questionarmos se as tecnologias regulam e conduzem ações. Essa ação inscreve-se no que Michel Foucault (1988, 2004) nomeia como biopolítica, um regime de poder que,

em vez de reprimir os corpos, passa a geri-los, organizando a vida a partir de saberes que classificam, observam e normatizam.

Nesse contexto, o beijo, expressão do desejo, do afeto, da experimentação, é capturado por um sistema que o transforma em dado rastreável. Essa transformação do íntimo em informação permite que práticas afetivas sejam quantificadas, visualizadas, organizadas e, sobretudo, reguladas. Trata-se de um processo em que os corpos são fixados a determinadas posições sociais e sexuais, com base em seus comportamentos e escolhas, proporcionando a produção de categorias, quem beijou mais, quem beijou quem, quem está "em risco". Ao mesmo tempo, esse rastreamento afeta a maneira como os próprios sujeitos se percebem. Se, como Foucault (2008) afirma, o sujeito é constantemente chamado a dizer-se, a explicar-se e a constituir-se por meio de práticas discursivas e tecnológicas, o “mapa do beijo” torna-se uma ferramenta que exige exposição.

Além disso, essa captura dos afetos por dispositivos mostra-nos que emoções, interações e escolhas passam a ser registradas, monitoradas e convertidas em informação útil para a manutenção de sistemas de poder. O desejo deixa de ser apenas uma experiência subjetiva para transformar-se em um dado estratégico, algo que pode ser medido, previsto e utilizado.

A problematização intensifica-se quando, ao longo da investigação pelo mapa, Alex, Fran e Chico percebem que os beijos trocados não ocorreram de forma aleatória, mas seguiram lógicas de identificação e aproximação afetiva. Os/As personagens buscaram, em muitos casos, conectarem-se com aqueles/as com quem compartilhavam posições de sexualidade semelhantes.

Problematizamos, igualmente, uma característica recorrente na série, que é a centralidade nas relações amorosas dos/as personagens principais, mesmo que o enredo concentre-se na epidemia que está contaminando os/as jovens e em sua possível origem.

No contexto narrativo da série *Boca a Boca*, observamos o desenvolvimento de temas não heteronormativos. A trama rompe com os estereótipos comuns que ainda estão presentes em muitas produções audiovisuais, pois, permite visibilizar discussões de desejo e sexualidade, uma vez que, em vez de serem relegados a “papeis estereotipados”, os/as personagens LGBTQIA+ ocupam lugares de protagonismo, contribuindo para a diversidade das histórias contadas. Dessa forma, a série tenciona normas sociais tradicionais e oferece uma produção plural das vivências contemporâneas.

Pelo exposto, destacamos fragmentos que se concentram no personagem Chico, que havia chegado recentemente à cidade, foi morar com o seu pai e estava se adaptando ao novo ambiente escolar.

Chico, ao longo dos episódios, demonstra os seus sentimentos e a sua sexualidade. O personagem troca mensagens em um aplicativo de celular e realiza encontros com um trabalhador da fazenda, o personagem Maurílio, como temos na figura 7.

FIGURA 7: Episódio Sextou/Segundou - relação amorosa de Chico e Maurílio.



Fonte: Netflix Brasil, 9 min 38s, 2025.

Chico fala a Maurílio: *Eu sou gouine*. Questiona se o personagem não leu no perfil dele que ele curte *gouinage*, que é uma relação sexual que corresponde a realização de sexo sem penetração, que explora zonas do corpo por meio do toque. As cenas de Chico e Maurílio também reiteram a predominância do desejo. De acordo com Anderson Ferrari (2007), o desejo é essencial para compreender a homossexualidade, pois vai além do aspecto físico ou sexual e inclui emoções, afetos e laços entre indivíduos.

Entretanto, no decorrer das cenas, notamos que Chico enfrenta situações difíceis para manter-se com Maurílio. Desse modo, observamos, na trama, juventudes confrontadas, frequentemente, com desafios nas relações amorosas, não tanto pelos/as participantes diretos, mas por terceiros que buscam proibir e/ou controlar, impondo obstáculos como elemento aos romances.

Como um currículo cultural que expõe rastros advindos da história, a qual perpetuou a homossexualidade como um pecado que tivesse que ser controlado (Ferrari, 2007). Essa perspectiva acaba sendo retratada na trama, ao passo que é apresentado nas cenas relações homossexuais com a presença de algum tipo de conflito, com outros/as personagens que se opõem à relação.

A prática de *gouinage*, como descrita, nos faz pensar, problematizar que o funcionamento dessa troca de afeto mostra uma sexualidade que subverte a normatividade sexual tradicional ao explorar zonas erógenas por meio do toque, sem recorrer à penetrabilidade, o que desafia a ideia convencional de "sexo" que, normalmente, associa a sexualidade masculina à penetração.

Nesse contexto, é possível observar como essa forma de desejo e prazer, longe da lógica heteronormativa, pode ser entendida como uma prática sexual explorada e problematizada nessa juventude do presente ao passo que, o desejo de Chico por Maurílio é recorrentemente posto à prova não apenas pelas imposições da comunidade apresentada na série que insiste em definir e regular as formas aceitáveis de afeto e de amor. O que pode ser evidenciado como o posicionamento do pai de Chico, que não aceita ele ser homossexual, e por alguns/mas colegas que o agridem ao descobrirem seu relacionamento com Maurílio.

Elucidamos, ao analisarmos esses fragmentos, que as músicas, os ambientes, as trocas de olhares e os toques nos corpos dos personagens Chico e Maurílio apresentam um fator predominante na sexualidade adotada em um currículo que predomina o ensinamento do desejo nas relações, em que a juventude exposta na série mobilizada pelo desejo ensina formas de se relacionar com seu parceiro/a, como ser reconhecido/a, e a ter uma certa aceitação, bem como enfrentar dificuldades nas relações.

A série e os episódios iniciais também nos desafiam a pensar nas relações amorosas virtuais. Temos, nesse cenário, o personagem Alex, filho do fazendeiro que detém um certo poder financeiro na cidade. Alex, amigo de Fran e Chico, mantém um sentimento amoroso misterioso, de forma virtual, pela personagem Manu. A sua relação também é perpetuada pelo desejo como temos a representação na Figura 8.

FIGURA 8: Episódio Sextou/Segundou - Alex em um relacionamento virtual.



Fonte: Netflix Brasil, 44 min 21s, 2025.

A forma como Alex interage virtualmente mostra outras possibilidades de vivenciar os prazeres e os afetos, evidenciando as tecnologias digitais de comunicação nas práticas juvenis contemporâneas. Essas práticas ciberculturais manifestam-se de diversas maneiras na série, desde o uso de redes sociais pelos personagens até a forma como questões de desejo e sexualidade são apresentadas, discutidas e experimentadas.

Relações entre os episódios

Nos episódios, *Te Peguei* e *Sextou/Segundou*, observamos características tanto de relacionamentos heterossexuais mediados virtualmente quanto de relações homossexuais, o que nos conduz a refletir sobre os diferentes modos de experienciar a sexualidade. Esses episódios funcionam como espaços discursivos que ensinam modos de se relacionar e de expressar o desejo. Entretanto, notamos que, de modo geral, os relacionamentos homossexuais apresentados são marcados por conflitos, enquanto os vínculos heterossexuais giram em torno da conquista individual, os relacionamentos homossexuais aparecem atravessados por segredo, medo da exposição e dificuldades de aceitação por parte da família e do grupo social

Essa diferença opera a pedagogia da sexualidade, conceito próximo ao que Foucault (1988) denomina de dispositivo que naturaliza a heterossexualidade como norma e coloca os sujeitos dissidentes sob constante vigilância e controle. Tais pedagogias operam em um currículo cultural não escolar que, por meio da cibercultura, produz formas de viver, sentir e reconhecer os afetos.

A partir da noção de problematização em Foucault (2008), o que se torna relevante não é julgar ou classificar os comportamentos apresentados na série como certos ou errados, mas interrogar o desejo e a sexualidade que se tornam possíveis, visíveis ou, ao contrário, silenciados e marginalizados. A problematização, nesse caso, permite-nos compreender que as relações afetivo-sexuais presentes nas cenas analisadas, principalmente as homossexuais, são ainda apresentadas dentro de regimes de verdade que as tratam como exceção, risco ou desvio da norma.

As interações virtuais de Alex e as demais experiências digitais apresentadas nos episódios analisados não apenas evidenciam práticas contemporâneas da cibercultura, mas também funcionam como dispositivos de saber-poder. Tais dispositivos ensinam

modos de subjetivação e de viver a sexualidade, mostrando a forma desigual com que diferentes sexualidades são tratadas. Enquanto os romances heterossexuais são representados como desafios pessoais, os homossexuais carregam o peso da resistência e da necessidade constante de afirmação diante da norma heterossexual.

Isso nos faz problematizar que, apesar do avanço na visibilidade das sexualidades dissidentes nas produções midiáticas, ainda há um longo caminho para desnaturalizar as verdades que sustentam a heteronormatividade. A série, ao funcionar como um currículo cultural acessado de forma *streaming* pela juventude na cibercultura, destaca que a luta pelo reconhecimento e pela legitimidade de outras formas de amar e desejar permanece atual e necessária.

Tecendo enredos finais

Ao longo deste artigo, buscamos compreender como os episódios iniciais da série *Boca a Boca* articulam desejo e sexualidade a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, tomando o currículo cultural não escolar. Ancorados nos estudos de Foucault e outros/as autores/as que pensam as relações juventude e subjetivação, refletimos sobre como as narrativas audiovisuais funcionam como dispositivos de poder que produzem e regulam modos de ser, viver e desejar.

As cenas analisadas evidenciam que o desejo, longe de ser uma dimensão puramente individual, é atravessado por normas, dispositivos e tecnologias que o visibilizam, silenciam e governam. A série não apenas representa experiências juvenis, mas participa da constituição de juventudes *streaming* - jovens que habitam e performam as suas subjetividades mediadas na cibercultura, por meio de aplicativos, redes e plataformas digitais. Neste sentido, *Boca a Boca* opera como um currículo cultural que ensina, performa e interpela condutas afetivo-sexuais, especialmente, ao tensionar normas cisheteronormativas que ainda regulam os corpos e os afetos.

As relações homoafetivas, como as vividas por Chico e Maurílio, colocam em cena o desejo dissidente, que desafia a norma e evidencia os conflitos que ainda marcam sua expressão. Enquanto os relacionamentos heterossexuais aparecem como conquistas possíveis dentro da lógica social, os vínculos não heteronormativos são apresentados em meio a resistências, silenciamentos e vigilâncias, apontando para uma pedagogia da desigualdade afetiva. A série, ao não apagar esses desejos, mas ao permitir que eles

existam na narrativa com intensidade e complexidade, realiza uma fissura no discurso hegemônico, tornando-se um espaço de possibilidade, de deslocamento e de resistência.

Ao optar pela etnografia de tela como estratégia metodológica, valorizamos as dimensões sensíveis e visuais da série, compreendendo os episódios como artefatos culturais discursivos que produzem saberes, posicionamentos e subjetividades. As cenas, quando analisadas em detalhe, mostram camadas de sentido que se articulam com práticas sociais mais amplas, como a vigilância digital, o controle dos corpos e a produção de verdades sobre o que pode ser amor, desejo e juventude.

Concluimos, portanto, que *Boca a Boca* não apenas retrata a juventude contemporânea, mas participa da sua produção, por meio de uma pedagogia que ensina o que pode ser desejado, como se pode amar e quem se pode ser. Nesse cenário, a série representa um dispositivo para refletirmos sobre as formas de governo da sexualidade e, ao mesmo tempo, sobre os gestos de resistência e invenção de outras formas de existir, amar e desejar.

Referências:

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 87-109.

BRASIL, Maria Hellena Ferreira *et al.* Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em universitários do estado da Paraíba. **Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 27, supl. 1, p. 213–214, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103217>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p.103-127.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel e SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.23, p.36-61. Maio/Jun/Jul/Ago.2003.

- DAYRELL, Juarez (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
- FELIX, Jeane; VARGAS, Juliana. Dossiê Juventudes Contemporâneas e Educação - Diálogos Possíveis. **Textura - Ulbra**, vol. 21, n. 47, p. 2-5, 2019.
- FERRARI, Anderson. **O desejo como definidor da homossexualidade**. *Gênero*, vol. 7, n. 2, p. 151-170. 2007.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. 1996. 296f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cadernos Cedex**, v. 25, n. 65, p. 43-58, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Polêmica, Política e Problematizações. In: Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 225-233
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade**: o que ensina o forró eletrônico? 2011. 151f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- MEYER, Dagmar Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, dez. 2007.
- OLIVEIRA, Danilo Araújo de. **“Cavalar sem sela”**: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.
- OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei. **Pistas metodológicas**: possibilidades inventivas para pesquisas na internet. In: OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei (Orgs.) **Metodologias de pesquisas científicas no ciberespaço/cibercultura: #netnografia #etnografiadigital**

#pesquisaemtela#entrevistaonline#análisecultural#análisedodiscurso_inspiradaemfoucault. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papyrus, 2010. p. 27-58.

REIS, Juliana Batista dos; SALES, Shirlei Rezende. **Juventudes: culturas juvenis cibercultura**. Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021.

RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a ditadura militar: as revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985)**. 2016. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2016.

SOARES, Rosângela de F. R; MEYER, Dagmar E. Estermann. O que se pode aprender com a "MTV de papel" sobre juventude e sexualidade contemporâneas? **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 136-148, 2003.

TROCCOLI, Luiza Giannotti. Patios militantes: a juventude do passado, presente e futuro nos discursos de cristina kirchner. **IX Congresso Brasileiro de Hispanistas**. 2016.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.